

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
EDITOR — Carlos de Magalhães Bargaeto.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editoras, L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

16 DE NOVEMBRO DE 1910

N.º 284

## Republica Portuguesa

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE



No Porto — O sr. dr. Antonio José de Almeida, ministro do interior, agradecendo as aclamações da academia

(Cliché de A. C. Lima).

# REPUBLICA PORTUGUEZA

A primeira viagem ministerial ao norte



No Porto. — Na praça da Liberdade (antiga praça de D. Pedro) — O povo aguardando a chegada dos ministros do interior e da guerra



(Clichés de J. Benolle).

República Portuguesa. — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

A chegada dos ministros do interior e da guerra ao Porto — Comissões e associações com os seus estandartes



República Portuguesa. — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — No quartel da Guarda Nacional Republicana — A officialidade e ao centro, no primeiro plano, os srs. dr. Paulo Falcão, governador civil do Porto, coronel Barreto, ministro da guerra, dr. Antonio José de Almeida, ministro do interior, e general Pimenta de Castro

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

*Abdel-Haziz-Ben-el-Hassan em Lisboa. Um ex-sultão que sabe levar a vida. — Os povos de Santarem e Abrantes veem a Lisboa cumprimentar o governo provisório e autoridades. Piedosa romagem ás sepulturas do almirante Reis e dr. Bombarda. — A primeira viagem ministerial ao Norte foi um verdadeiro triumpho. — Pelas victimas da revolução. Um bando precatório de senhoras. — Uma festa de creanças. A matinée do Colyseu. Uma tarde inolvidavel.*

Interessante e emocionante fita cinematographica que tem sido as ultimas semanas da vida lisboeta, teve ha dias uma passagem curiosa: a chegada de uma singular personagem.

No dia 3 e pelo sud-express, chegou a Lisboa o ex-sultão de Marrocos Muley-Abdel-Azis-Ben-el-Hassan, vindo de Sevilha, onde terminara uma missão diplomatica, segundo leio nas gazetas e creio, comquanto não perceba que negocios diplomaticos possam ser tratados em Sevilha.

O ex-sultão é uma figura singular. Não conseguiu interessar a multidão, n'este momento preocupada com os importantes acontecimentos internos; no entanto a sua curta passagem em Lisboa foi uma nota destacante de exotico no meio dos acontecimentos politicos.

Abdel Azis é de elevada estatura, muito moreno, barba negra em bico, olhar penetrante. Vestiu sempre o seu traço especial: ampla tunica branca com albornoz da mesma cor. Na cabeça um turbante igualmente branco e cor de rosa. Babuchas e meias de seda. Acompanhava-o o secretario, um mouro que parecia andar em bicos de pés, alheio a tudo, attento apenas aos menores gestos do seu illustre senhor e amo. Este vestia o gibão azul, que é uniforme marroquino que nunca soffre alteração e o tradicional barrete vermelho.

Abdel Azis, que tem umas poucas de esposas authenticas e algumas honorarias, todas de se lhes tirar o chapéu, chegou a Lisboa quando o governo dava a ultima demão na lei do divorcio, que fez luzir o olho maroto da augusta personagem, naturalmente avessa á escravidão do matrimonio com uma só. Como todo o estrangeiro que se presa, visitou o museu de artilharia, o dos coches reaes e os Jeronymos. Comeu os tenros bifés do Hotel Central, bebeu a demorados golos o seu calice do Porto estendendo o ardente olhar pelo Tejo de crystal e sem espalhafato poz-se ao fresco, ao que parece a caminho da Belgica, onde tem a educar alguns quarteirões de filhos. Vi-o na estação do Rocio, escoando-se como uma aventesma de ballada. Parecia muito satisfeito. Ainda bem.

Que faça uma feliz viagem.

\*\*\*

De Santarem e Abrantes vieram ultimamente a Lisboa

cumprimentar os membros do governo provisório, a auctoridade administrativa, camara municipal, directorio republicano, etc., alguns milhares de pessoas.

As duas excursões politicas foram imponentissimas, mórmente a abrantina. Nesta tomaram parte mil e quatrocentas pessoas que foram recebidas com grande entusiasmo por uma enorme multidão, que a acompanhou ao cemiterio do Alto de S. João em visita piedosa ás sepulturas do vice-almirante Candido dos Reis e dr. Miguel Bombarda. A manifestação revestiu extraordinaria imponencia. Os coaes dos illustres democratras desappareciam sob montões de flores depositas pelos abrantinos, mórmente pelo elemento feminino que se fez representar largamente. Houve sentidos discursos, após os quaes os representantes do povo de Abrantes, sempre seguidos por grande multidão, foram cumprimentar os membros do governo e mais auctoridades.

\*\*\*

A primeira viagem ministerial ao Norte foi um verdadeiro triumpho para a Republica. Os ministros do interior e guerra, dr. Antonio José de Almeida e coronel Correia Barreto, partiram para o Porto no rapido da manhã de 6 em visita á capital do norte e a alguns estabelecimentos de instrucção e militares.

A visita dos dois ministros teve uma alta significação politica, porquanto, além de constituir uma deferencia merecidamente dis-



República Portuguesa. — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — No quartel da Guarda Nacional Republicana O sr. ministro do interior falando aos soldados

(Cliché de J. Benolle).



(Cliché de J. Benolle).

**República Portuguesa**

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE.

No Porto. — Os srs. ministros da guerra e do interior dirigindo-se à Camara Municipal

pensada aos povos do norte pelo novo regimen, foi a primeira de caracter official que o governo effectuou.

Foi, como dissemos, um verdadeiro triumpho, essa viagem. Tanto nas estações do percurso como no Porto, os dois membros do governo foram victoriadissimos, recebendo as mais inequivocas demonstrações de apreço e affecto por parte de todas as classes sociaes, que todas se fizeram representar nas diversas estações de caminho de ferro e na capital do norte.

Em Alhandra, na Azambuja, na Figueira, em Coimbra, Aveiro, Espinho e Gaya a multidão apinhava-se nas estações e proximidades fazendo manifestações extraordinarias aos ministros. Em alguns pontos foi um verdadeiro delirio, segundo o relato dos telegrammas para os jornaes.

No Porto as demonstrações de affecto ao novo regimen nas pessoas dos seus representantes excederam tudo o que se possa imaginar. Uma verdadeira apothose.

A imprensa, alguns gremios e simples particulares proseguem na acção benemerente de socorrerem as victimas sobreviventes da revolução. As subscrições abertas nos jornaes e estabelecimentos publicos attingem cifras elevadas e dão bom rendimento os espectaculos realizados com tão humanitario fim.

Os bandos precatorios succedem-se, com resultados magnificos. A alguns d'elles me referi, de passagem, na chro-



(Cliché de J. Benolle).

**República Portuguesa**

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — O sr. ministro do interior, acompanhado do governador civil, descendo a calçada de Monchique afim de visitar uma escola official

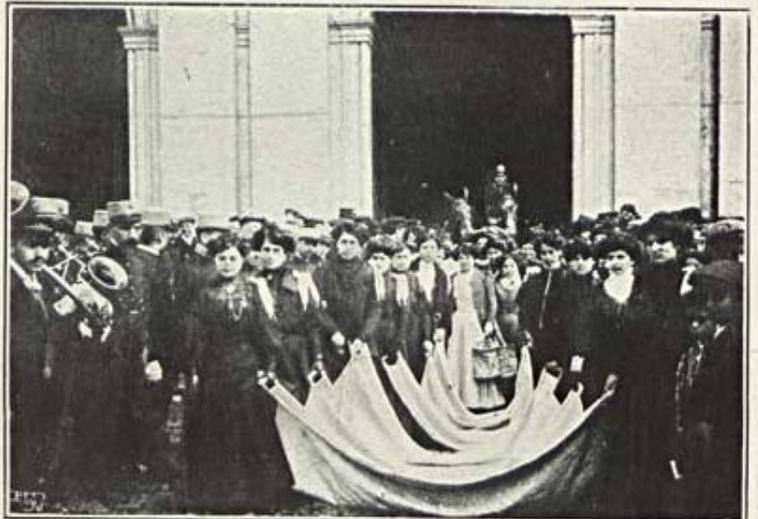
nica anterior. Outros, depois d'essa data, se realisaram. Um, porém, destacou d'entre elles: o organizado por um grupo de senhoras e que a despeito do mau tempo se realisou na manhã de 6 do corrente, dando, ainda assim resultados apreciaveis. Pena foi que a intemperie não permittisse que o bando percorresse todo o itinerario marcado, porque os resultados seriam sem duvida excellentes.

As Juntas de Parochia de Lisboa coroaram soberbamente a sympathica obra a que se tem vindo consagrando, de dar banhos do mar, gratuitos, ás creanças pobres das diversas freguezias, realisando no domingo, 7, uma festa encantadora no Colyseu dos Re-reios.

Perto de cinco mil creanças, que se deram rendez-vous no Terreiro do Paço, seguiram n'uma alegria doida, em cortejo bem organizado, da vasta praça até à rua de Santo Antão. Foi um espectáculo lindo, tocante, o d'esses milhares de pequenitos cantando n'um entusiasmo que não se descreve a *Portuguesa*.

A's duas horas e meia da tarde o aspecto do magnifico amphitheatro era surprehendente. Toda aquella petizada, afora muitas outras creanças que aguardavam no circo o espectáculo, invadiram as galerias, a geral, os camarotes, a plateia, até o amphitheatro armado em palco, n'uma alegria, n'um entusiasmo que se não descreve.

Não se imagina o que foi esse espectáculo. Durante duas horas todos os numeros foram delirantemente applaudidos pelos pequeninos espectadores. Os palhaços tiveram, certamente, as maiores ovações que tem ouvido. Era de ver, toda aquella petizada, suffocada

**Um bando precatorio promovido por senhoras em favor das victimas da revolução**

(Cliché de A. C. Lima).

A' porta da Camara Municipal

de riso, d'este são, despejado, irreprimivel riso que só se tem n'aquellas edades, palmeando, gritando, barafustando... Quando a orchestra tocava a *Portuguesa* ou a *Maria da Fonte* milhares de vozes cantavam esses hymnos patrioticos no meio de manifestações imponentissimas. Uma d'estas, verdadeiramente commovente, foi feita pelas creanças ao emprezario do Colyseu, sr. Antonio Santos, a quem os petizes demonstraram a sua gratidão com palmas, vivas e flores.

Uma tarde inolvidavel, essa.

CAMARA LIMA.

**1851—A lucta em Paris**

Neste momento agitado da vida nacional que vamos atravessando não vem fóra de proposito o recordar quanto as gerações, que antecederam a presente, luctaram pela liberdade, nas assembléas, nos comicios, nos campos de batalha.

Por isso tem interesse de actualidade o palpitante episodio d'aquella refrega, abaixo transcripto, traçado por Victor Hugo, o grande pensador, que soube personificar com toda a força do genio e todas as energias da vontade as aspirações liberaes do seu tempo.

Pena foi que, após tanto sangue, tantas lagrimas, tanto luto se fosse ostentar sobre um throno essa corôa imperial, manchada de

## A expulsão das ordens religiosas



**Do forte de Caxias para o Limoeiro**  
Chegada dos jesuítas dos collegios do Barro e de Campolide à estação do Caes do Sodré  
(Cliché de A. C. Lima).

tanto lodo, que mais tarde ignominiosamente se despenhou no abysmo de Sédan.

### A barricada da rua Meslay

A primeira barricada da rua Saint-Martin foi construída á altura da rua Meslay.

Uma carroça grande é virada e atravessada na rua, arrancam-se as pedras do pavimento e algumas lages do passeio.

Esta barricada, para peito de defeza de toda a rua insurgida, não pôde ser senão um obstaculo momentaneo.

O monte de pedras em parte alguma excedia a altura de um homem e n'um terço da barricada nem sequer dava pelo joelho.

— Isto é bom para morrermos todos aqui, diz um garoto que anda rebolando pedras.

Cem combatentes tomaram posição atraz. Pelas nove horas o movimento de tropas annunciava o combate. As testas de columna da brigada Marulaz occupam o angulo da rua do lado do boulevard. Uma peça é posta em bateria deante da porta Saint-Martin no enfiamento da rua.

A tropa com o ameaçador canhão e a barricada com as suas espingardas ficam-se observando mutuamente no silencio triste que precede o choque. Bem depressa é dada ordem de ataque geral. O fogo começa. A primeira bala passa por cima da barricada e vae ferir em pleno peito uma mulher a uns vinte passos atraz. Cae com o ventre aberto. O fogo torna-se vivo sem danificar muito a barricada. A peça está perto; as balas passam alto.

Os combatentes que ainda não perderam um homem, recebem todas as balas ao grito de: Viva a Republica! mas sem atirarem.

Ha poucos cartuchos e é preciso poupal-os. De repente o regimento 49 desemboca em columna cerrada.

A barricada faz fogo.

O fumo que encheu a rua, dissipa-se deixando a descoberto uma dezena de homens sobre o pavimento, e os soldados em desordem ao longo das casas.

O chefe da barricada grita: perdem terreno, fogo! não percam uma bala!

A rua fica algum tempo deserta. A peça continúa o fogo. De dois em dois minutos vem uma bala que não acerta no alvo.

Um homem, que tem uma espingarda de caça, aproxima-se do chefe e diz-lhe:

— Desmontemos a peça, matem os artilheiros.

— Porquê? pergunta o chefe sorridente. Elles não nos fazem mal, não lh'o fazamos tambem.

Entretanto ouve-se distinctamente o clarim do outro lado do massiço de casas que encobrem as tropas, postadas no quadrado Saint-Martin; novo ataque se prepara.

Este ataque será necessariamente encarniçado.

Se destroem a barricada, a rua toda é varrida á bayoneta. As

outras barricadas são ainda mais fracas que a primeira e menos defendidas. Os burguezes deram as suas armas e metteram-se em casa.

E', pois, preciso sustentar a barricada o maior tempo possivel. Mas que fazer e como resistir?

Ha apenas dois cartuchos por homem.

Um abastecimento inesperado lhes vem.

Um homem moço — posso nomeal-o, porque morreu, — Pierre Tissié, que era operario e tambem poeta, trabalhou uma parte da manhã na barricada e, no mais vivo do combate, sae allegando que não lhe dão espingarda.

Dizem os companheiros: eis um que tem medo.

Pierre Tissié não tem medo. Deixa a barricada, e como traz consigo só uma faca catalã, abre-a e segue á ventura.

Ao sair da rua Saint-Sauveur encontra á esquina de uma rua-sita deserta, em que todas as janellas estão fechadas, uma vedeta decerto postada ali por qualquer força pouco distante.

O soldado estava com a espingarda ao alto prompto a disparar. Ouviu os passos de Pierre Tissié e grita:

— Quem vem lá?

— A morte! responde Pierre Tissié.

O soldado desfecha, mas não alveja Tissié, que salta sobre elle e o abate com um golpe da sua faca.

O ferido cae deitando sangue pela bôca.

— Não sabia falar tão bem, murmura Pierre Tissié.

E acrescenta: A ambulancia!

Carrega com o soldado ás costas, levanta a espingarda, que tinha caído por terra e volta á barricada.

— Trago um ferido, disse.

— Um morto, lhe respondem.

Com effeito o soldado acaba de expirar.

— Infame Bonaparte! exclama Pierre Tissié. Pobre soldado!

E' o mesmo, tenho uma espingarda.

Despejam a mochila e a cartucheira do morto.

Dividem entre si os cartuchos, que eram em numero de cento e cincoenta. Aparecem duas moedas de ouro de dez francos, paga de dois dias desde 2 de dezembro.

Lançam-nas no chão; ninguem as quiz.

Distribuem os cartuchos aos gritos de: Viva a Republica!

Entretanto os assaltantes collocam um obuz ao lado da peça.

Mal se tinha acabado a distribuição dos cartuchos, quando apparece a infantaria, que se precipita com as bayonetas sobre a barricada. O segundo ataque, como se previa, é acerbo. Repellem-no. Por duas vezes a infantaria volta á carga, duas vezes recua deixando a rua juncada de mortos.

No intervallo dos assaltos um obuz fura e desmantela a barricada. O canhão metralha.

A situação é desesperada; os cartuchos estão esgotados.

Alguns começam a retirar-se deixando as espingardas. Para se escaparem não ha senão a rua Saint-Sauveur, e para attingir a esquina d'ella é preciso transpor a parte mais baixa da barricada, onde ficam quasi completamente descobertos. Ahí chovem balas incessantemente.

Tres ou quatro ficam mortos, um dos quaes, como Baudin, com uma bala n'um olho. O chefe da barricada acha-se só com Pierre Tissié e uma creança de quatorze annos, a mesma que tinha rebolado tantas pedras. Annuncia-se terceiro ataque, e os soldados começam avançando ao longo das casas.

— Vamo-nos, diz o chefe da barricada.

— Eu fico, diz Pierre Tissié.

— E eu tambem, diz o rapaz, e acrescenta: — Não tenho pae nem mãe, tanto se me dá.

O chefe dispara o ultimo tiro e retira-se, como os outros, pela parte baixa da barricada.

Uma descarga deita-lhe o chapéu a terra; abaixa-se e apanha-o.



### A expulsão das ordens religiosas

DO FORTE DE CAXIAS PARA O LIMOEIRO. — Os jesuítas saindo da estação do Caes do Sodré

(Cliché de J. Benolle).

## A bandeira portugueza

Tem a maior oportunidade o seguinte artigo que sobre este assumpto publica *O Paiz* e que com a devida venia vamos transcrever, acrescentando-lhe no final algumas observações que a sua leitura nos suggeriu:

### O vandalismo irrepblicano

«Em certo congresso republicano propoz um congressista que a futura bandeira da republica fosse *encarnada cor de sangue e verde cor de salsa*. O congresso, não ligando ao caso maior importancia, approvou isso, como outras cousas incompatíveis com uma republica, em que a estabilidade e a ordem se harmonisam com o progresso.

Feita a republica no espirito e no coração do povo portuguez, faltava varrer por um acto violento a monarchia constituida.

A força (*bando*) republicana tinha de distinguir-se da monarchia e adoptar uma *bandeira diferencial*: e foi adoptada a *vermelha e verde* votada no tal congresso.

Ao cabo de trinta horas de luta venceu a republica.

Eis que os congressistas do *vermelho e verde* e alguns combatentes querem que a *bandeira da nação portugueza* seja *vermelha e verde* em vez de *azul e branca*, como tem sido desde épocas prehistoricas até ao presente.

Os partidarios da santa madre igreja e da divina realza querem estampado no centro do *vermelho e verde* o escudo das quinas.

Não querem os livres pensadores o escudo das quinas, e propõem que seja substituido pela *esphera armillar*, symbolo das glorias do povo portuguez, alcançada nos descobrimentos geographicos.

O governo nomeia uma commissão para resolver o assumpto, e ella, para não ficar mal com Deus nem com o diabo, enfeixa no *vermelho e verde* o escudo das quinas sobre e asphera armillar; só o



#### A expulsão das ordens religiosas

DO FORTE DE CAXIAS PARA O LIMOEIRO. — Na estação do *Caes do Sodré*  
Os jesuitas no meio da força armada

Os soldados não estão a mais de vinte passos. Grita aos dois que ficam:

— Vinde!

— Não, diz Pierre Tissié.

— Não, diz o rapaz.

Alguns instantes depois os soldados escalavam a barricada já meio derruida. Tissié e o garoto foram mortos à bayonetada.

Abandonaram n'esta barricada umas vinte espingardas.

Victor Hugo — (*Histoire d'un Crime.*)

Trad. de EDUARDO V. MARREÇAS FERREIRA.



(Clichs de J. Benoit).

A expulsão das ordens religiosas. — DO FORTE DE CAXIAS PARA O LIMOEIRO

Os jesuitas do *Barrô e de Camfôide* a caminho do *Limoeiro*, protegidos por forças de infantaria e cavallaria



### A expulsão das ordens religiosas

Grupo de padres e alumnos dos collegios do Barro e de Campolide  
(Cliché de J. Benoit).

*azul e branco*, representante dos roubos e torpezas da monarchia constitucional, é banido.

Ora a bandeira *azul e branca* é ha cerca de um seculo conhecida em todo o mundo como representante do povo portuguez, e os vinte milhões de habitantes das colonias portuguezas por ella distinguem o portuguez, a que chamam *branco*, do *inglez*, *francez*, e *allemao*, que frequentemente ali se querem introduzir com damno no dominio portuguez.

Achamos inutil circumstanciar o prejuizo financeiro, economico e politico trazido pela mudança radical de bandeira.

Ha diversas especies de *bandos* (associações), e, consequentemente, variadas especies de *bandeiras*. A bandeira nacional representa um povo ou raças. Assim como os individuos teem predilecção por certas cores, tambem os povos teem as suas cores favoritas. A cor predilecta do lusitano (portuguez) é a *azul e branca*.

Os chefes lusitanos, nossos antepassados, usavam grandes collares de bagas (contas grossas) de uma especie de porcelana branca esmaltada de *azul*; e estimavam-nos tanto que nas suas disposições testamentarias determinavam querer leval-os para a sepultura.

Quando o conde Henrique de Borgonha foi investido no condado portucalense, situado no centro da Lusitania, adoptou no seu escudo as cores *azul e branca* usadas pelos chefes lusitanos.

Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, usou no escudo, como o de seu pae, uma cruz azul em campo branco.

Com o labaro *azul e branco* foram os musulmanos expulsos da parte da Lusitania, em que se fundou o reino de Portugal; e mais tarde, no primeiro quartel do seculo XIX, sob a bandeira *azul e branca*, se libertaram os portuguezes do dominio inglez, a que os entregara D. João VI.

Sob esta insinuante bandeira, em que se reflecte o céu e o sol da bella Lusitania, foram pelas côres de 21 e 22 proclamados os direitos do homem e os principios da liberdade moderna; ella presidiu á *soberania popular*, representada n'aquellas côres, que fecharam, para todo o sempre, as portas infernaes da nefanda inquisição e lhe apagaram as fogueiras homicidas.

Santa bandeira aquella que franqueou a agua das fontes publicas, vendida aos pobres pelos senhores, a que os reis haviam enfudado vidas e cidades.

Em 1834 a bandeira *azul e branca* eliminou os jesuitas e extinguiu as congregações religiosas, socializando as propriedades açambarcadas pelos frades e freiras, imprimiu rapidamente á nossa população um crescimento avultado, ampliou o commercio e a industria e trouxe a elegancia, a alegria e a abundancia á sociedade portugueza depauperada por tantas associações parasitarias.

A sombra d'essa malefica bandeira se crearam as escolas polytechnicas, se ampliaram as de medicina, se instituiram as de bellas artes e as industriaes.

Malefica bandeira essa sob a qual se aboliu a pena de morte e foram queimados os patibulos.

Sob essa bandeira cor de sol e cor do céu foram extinctos os morgados, enriquecida e socializada a terra.

Sob ella, a maldita, foi estabelecido um suffragio universal razoavel e instaurada a representação das minorias administrativas e parlamentares.

Sob essa bandeira cor do céu e cor do sol se crearam ministros, escriptores e sabios de primeira grandeza — historiadores, naturalistas, anthropologos, archeologos, exploradores africanos, poetas, dramaturgos, romancistas e geologos.

Sob a tal nefanda bandeira *azul e branca*, se poude crear e desenvolver o partido republicano, que no fim de quarenta annos libertara o povo portuguez da superstição dos padres e da avareza cruel dos reis.

A bandeira azul e branca é pois o estandarte gentilico e glorioso do povo portuguez; á sombra d'ella se constituiu em Portugal uma civilização ainda não attingida pela Inglaterra e até pela propria França.

Nas cores nacionaes *azul e branco*, ha que estampar a *esphera armillar*, symbolo dos descobrimentos geographicos realizados pelos portuguezes nos seculos XV e XVI, porque esses descobrimentos são a base da civilização moderna, e trouxeram á Europa da idade média, obscurante, faminta e sanguinaria, a paz, a instrucção e a abundancia.

Da bandeira azul e branca ha só que eliminar o escudo, symbolo da realeza, da superstição e de um dominio inexacto.

### Visita do sr. ministro da justiça á Casa de Correção de Caxias



Da esquerda para a direita: Dr. Affonso Costa, padre Antonio de Oliveira, sub-director da Casa de Correção, e dr. Eusebio Leão, governador civil de Lisboa

(Cliché de A. C. Lima).

## Os republicanos de Abrantes em Lisboa



No CEMITARIO DO ALTO DE S. JOÃO  
Prestando homenagem a Miguel Bombarda e a Candido dos Reis

O que no escudo chamamos *quinas* é, como clara e incontestavelmente se prova pelas moedas dos primeiros reis de Portugal, uma cruz formada por cinco escudetas gutiformes com um numero variavel de anneis similhando os olhos das chagas...

Nas moedas de Sancho II a cruz das chagas é substituida algumas vezes por uma cruz regular e inteiriça, tendo entre os quatro angulos dos braços quatro cravos com o bico para dentro.

Tanto a cruz das chagas como a do lenho são clara allegoria da religião christã adoptada pelos primeiros reis contra o islamismo dos arabes e mouros.

Oh! querem conservar na bandeira republicana esse symbolo de embrutecimento, de espoliação, de torturas e de morte?

Isso que armou a mão do assassino de Miguel Bombarda e de Candido dos Reis, que matou de miserias Heliodoro Salgado e Felizardo de Lima; que durante a inquisição emparedou, atormentou, queimou e roubou centos de milhares de victimas; que de 1828 a 1833 encheu de patibulos a nossa boa terra para gaudio da curia romana; isso não pode figurar na bandeira republicana do povo portuguez.

Os sete castellos representando as antigas sete provincias de Portugal não teem razão de ser; as provincias de Portugal são actualmente oito na Europa e dez por esses mares afóra; ao todo dezoito que podem ser representadas por um rectangulo no canto superior do azul perto da haste por dezoito estrellas de ouro.

Temos assim que a bandeira nacional da republica portugueza seria um *estandarte azul e branco*; no centro a *esphera armillar* com fundo vermelho e arcos amarellos; no canto superior do azul dezoito estrellas de ouro representantes dos dezoito estados unidos da nossa republica federal portugueza.

E a bandeira *vermelha e verde*, labaro dos guerreiros que esmagaram a monarchia?

Fica sendo a bandeira de guerra usada pelas unidades militares da republica portugueza. Não é cousa estranha; outras nações teem tambem duas bandeiras — uma civica e outra de guerra. Tudo é logico e conciliavel, excepto o absurdo.

JOÃO BONANÇA.

Estamos perfeitamente d'accordo com o illustre escriptor no que respeita ás côres da bandeira portugueza. Não se pôde dizer mais nem melhor em favor da bandeira azul e branca e, depois do que dito fica, todos os argumentos produzidos em prol da bandeira encarnada e verde não são senão outras tantas razões para a não adoptar como insignia nacional porque todos elles tendem a demonstrar que foram essas as côres escolhidas pelo partido republicano para á sombra d'ellas derrubar as instituições monarchicas. E' pois a bandeira de um partido e como tal não pôde ser a insignia da nação. A bandeira da patria não deve ter politica e só deve servir para apagar resentimentos. Impôr ao paiz uma bandeira nova o mesmo é que lembrar-lhe luctas sangrentas que devem esquecer para que todos unidos possamos trabalhar pela maior grandeza da patria que é de todos os portuguezes. Não se imponha aos vencidos a bandeira dos

vencedores porque isso faria lembrar as antigas guerras em que havia senhores e escravos.

Não, não se divida a nação em dois grupos. E' má politica. Aqui não deve haver vencidos nem vencedores. Aqui só existem portuguezes — os descendentes dos velhos lusitanos — para quem eram sagradas as côres azul e branca.

Acatem-se as palavras de João Bonança que além de ser um mestre, é um republicano sincero, de velha data. Respeite-se a opinião de Guerra Junqueiro que além de republicano *sente* como poeta que é. Tenha-se em consideração a opinião de José Bruno e de tantos outros que sinceramente amam o seu paiz e que não são nem eram monarchicos.

O artigo de João Bonança é uma lição de historia e de patriotismo da qual só discordamos no que se refere ao escudo, aos castellos e ás *quinas* que nunca considerámos como emblema da realza mas simplesmente como insignia guerreira e nacional devendo como tal conservar-se pelas mesmas razões apontadas em favor do azul e branco.

A' sombra da bandeira das *quinas*, não o esqueçamos nunca, Portugal teve dias épicos de grandeza!

### ANECDOTAS

No theatro de S. Carlos:

Um critico conversa com o director.  
— «Ah! exclama este. Haverá alguma coisa mais insupportavel que as pretenções dos grandes artistas?»

— «Sim senhor, responde o critico. As dos pequeninos!»

No Chiado:

— «Quem é aquella senhora que tu acabas de cumprimentar?»  
— «E' a mulher de... dois dos meus amigos.»

Um bohemio vê-se ao espelho de uma *montre* da rua do Oiro, e suspira melancolicamente:

— «Camisa preta e cabellos brancos... Se pudesse ser o contrario!...»



Os republicanos de Abrantes em Lisboa — No CEMITARIO DO ALTO DE S. JOÃO — O sr. João Martins Junior, organisador da excursão, discursando junto das campas de Miguel Bombarda e Candido dos Reis (Clicha de A. C. Lima).

## No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de Janeiro

## Os sapatos encarnados



O governador civil do Porto, dr. Paulo Falcão, entregando ao 2.º sargento Pires, da Guarda Fiscal, a bandeira que foi hasteada em 31 de janeiro

Os instantaneos que illustram esta pagina referem-se á manifestação fúnebre de homenagem ás victimas da revolta de 31 de Janeiro, realisada na cidade do Porto, no dia de Todos os Santos.

O cortejo foi organizado da rua da Alfandega e tomaram parte n'elle officiaes e soldados da guarda republicana, a banda de infantaria 18, as escolas dos centros republicanos e varias associações com as respectivas bandeiras.

O cortejo foi até ao cemiterio do Prado, onde se pronunciaram varios discursos, sendo deposita uma corôa de brouze no monumento levantado á memoria das victimas da revolta de 31 de janeiro.

**E**ra uma vez uma pequenita delicadinha e devéras encantadora. No verão andava sempre descalça, porque sua mãe, que era uma pobre viuva, não podia comprar-lhe sapatos; no inverno trazia tamancos muito grossos; mas estes não lhe resguardavam os pésinhos, que se faziam encarnados com o frio.



No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro  
O cortejo desfilando deante da Camara Municipal

Uma senhora já velha, que vivia na aldeia, compadeceu-se da pobre Karen; era este o nome da pequena. Juntou uns restos de panno encarnado, arranjou-os, coseu-os como poude, e fez d'elles



No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro  
O monumento á memoria das victimas no cemiterio do Prado



No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro  
A multidão ouvindo os discursos no cemiterio do Prado  
(Clichés de C. P. Cardoso — Fox do Douro.)

# Na Escola do Exercito

## A cerimonia da abertura das aulas



(Cliché de J. Benoit).

Presidindo á sessão solemne de abertura

O coronel Barreto, ministro da guerra, e o general Moraes Sarmiento, director da Escola do Exercito

uns sapatos. A obra não era lá das mais elegantes: a velhita já não via bem, e tinha as mãos trémulas; contudo, offereceu, muito satisfeita, os taes sapatos a Karen, que ficou maravilhada.

Ora, n'esse mesmo dia, a mãe da pequenita morreu. Os sapatos encarnados não eram de luto; mas a pobre Karen, coitada, não tinha outros e calçou-os para ir ao enterro.

Caminhava, banhada em lagrimas, atraz do caixão, quando passou junto d'ella uma carruagem antiga onde ia sentada uma senhora edosa. Esta viu Karen soluçando, e teve dó da pobre orphã. «Deixe-me levar a creança, disse ao cura, encarrego-me d'ella.»

Ao principio, Karen imaginou que tinha agradado á sua protectora por causa dos sapatos encarnados; mas a boa senhora declarou que os achava horrorosos, e mandou deital-os fóra. A pequenita foi vestida de lavado; deram-lhe vestidos novos; aprendeu a ler, a escrever, a coser; e todos a achavam engraçada. Ella, então, começou a ver-se ao espelho, que lhe disse: «E's muito mais que engraçada, és bella.»

Passado algum tempo, o rei, a rainha e a princeza, sua filha, chegaram á cidade proxima; toda a gente dos arredores correu para lá, juntando-se no largo, defronte do theatro, para ver Suas Magestades. Karen tambem lá estava, e viu, na galeria, a princezinha, toda vestida de setim branco, admirada pela multidão; não tinha corôa, nem vestido de cauda, mas calçava uns sapatos de marroquim encarnado, uns sapatinhos lindos.

Como eram diferentes dos que a boa sapateira déra a Karen!

A pouco e pouco, chegou a occasião de Karen receber o chrisma. A boa senhora que a protegia mandou-lhe fazer um vestido branco e sapatos novos; foi com ella ao melhor sapateiro da cidade e Karen extendeu o pézinho para elle tomar medida. Entretanto, ia olhando para as cousas que estavam na loja e viu no mostrador uns sapatinhos de um encarnado muito vivo, exactamente como os que levava a princezinha. Que belleza! — «E' isto que eu quero, exclamou Karen, vejamos se me servem.» — Foram feitos para a filha de um conde, disse o sapateiro, mas estavam muito pequenos, e tive de ficar com elles. — E' marroquim, não é verdade? perguntou a boa senhora, que já tinha a vista muito fraca; parece que brilham. — Brilham, brilham, disse o sapateiro, são mesmo uns espelhos.»

Como os sapatos ficavam ás mil maravilhas no pé delicado de Karen, a boa senhora comprou-os; não sabia, porém, que eram en-

carnados; se o soubesse, não consentia, decerto, que a sua protegida fosse ao chrisma com sapatos de côr.

Contudo, foi o que succedeu; e toda a gente olhava para os sapatos, e abanava a cabeça. Quando Karen entrou na igreja, pareceu-lhe que todas as personagens dos quadros que ornavam as paredes, tinham os olhos fixos nos seus sapatos; mas, em vez de se envergonhar, ia satisfeitissima e cheia de orgulho. O cura falou-lhe, em tom affectuoso, dos deveres que tinha a cumprir, por já estar em idade de razão e ir entrar de todo na comunidade dos christãos. O orgão



Na Escola do Exercito. — A CERIMONIA DA ABERTURA DAS AULAS  
O curso de cavallaria do 2.º anno

(Cliché de A. C. Lima).

resoava e enchia o santuario com a sua grave sonoridade; os cantores e os meninos do côro entoavam um cantico suave: Karen não dava attenção a nada, não pensava senão n'uma cousa, na felicidade de ter uns sapatos tão bonitos como os da filha do rei.

De tarde, a protectora de Karen soube pelo rumor publico o escandalo que esta tinha dado; e explicou á rapariguinha como tinha sido inconveniente o seu procedimento, como era feio, da sua parte, ter calçado aquelles sapatos para uma cerimonia tão grave. D'ahi em diante, aconselhou, quando fosse á egreja, Karen devia ir sempre de sapatos pretos, ainda que fossem velhos e esfarrapados.

No domingo seguinte, Karen tinha que ir á communhão; contemplou os sapatos pretos, que tambem eram novos, depois deitou um olhar rapido para os encarnados, tornou a olhar para os pretos e em seguida, bruscamente, pegou nos encarnados e calçou-os.

O tempo estava magnifico; antes de ir á egreja, a boa senhora, afim de gosar o sol, deu uma volta pelos atalhos, e tiveram que pas-

n'esse momento o inválido viu-a e disse: «Hein! que bonitos sapatos de dança!»

Karen sentia-se attrahida, e, sem que ella podesse impedir-o, as pernas começaram a mover-se-lhe cadencialmente, e poz-se a dançar e a saltar sem descanso. O cocheiro agarrou-a e metteu-a, á força, dentro da carruagem; mas, ali, as pernas continuaram a mexer e deram muitos pontapés na pobre senhora. Afinal, chegaram a casa; foi preciso levar Karen ao collo, porque, não sendo assim, recommençava a dança; a creada de quarto tirou-lhe os sapatos malditos, e os pobres pésinhos descansaram, emfim.

Os sapatos foram fechados á chave n'um armario envidraçado, onde Karen ia admirar-os novamente dez vezes por dia.

Mas, de repente, a boa senhora adoeceu e o medico recebeu que ella não tornasse a levantar-se. Era necessario, portanto, ter os maiores cuidados com a doente; era, principalmente, esse o dever de Karen. Mas na cidade havia um grande baile para o qual ella ti-

## A partida de Marinha de Campos para Cabo Verde onde foi assumir o cargo de governador da provincia



(Cliché de (A. C. Lima).

Um grupo tirado a bordo do «Cazengo»

Marinha de Campos entre varios amigos, tendo á direita o dr. José de Abreu e á esquerda o visconde da Ribeira Brava

sar por sitios pedregosos. A porta da egreja estava um velho inválido encostado a uma muleta; o velho tinha grandes barbas grisalhas. Inclinando-se em frente da senhora, perguntou-lhe se não queria que elle lhe tirasse a pocira que lhe cobria os sapatos. A boa senhora disse que sim, e Karen estendeu tambem os pésinhos para o inválido os escovar. «Oh! que bonitos sapatos de dança!» disse o velho; e, tocando-lhes com a muleta, accrescentou: «Firme-se bem e não caia, quando dançar.»

A boa senhora deu ao inválido uma moedinha de prata pelo seu trabalho, e entrou na egreja com Karen. Todos os assistentes abriram os olhos, ainda mais admirados que da primeira vez, por causa dos sapatos encarnados, e as personagens dos quadros cravavam n'elles os seus olhares. A propria Karen contemplava-os ás escondidas, e achava-os cada vez mais bellos; chegou a esquecer-se de um cantico, e não se lembrou de rezar um padre-nosso; quando recebeu a communhão, estava distraída de todo; não pensava senão na côr deslumbrante dos sapatos, que lhe ficavam tão bem, e que todos lhe invejavam, segundo ella imaginava.

A saída da egreja, a boa senhora entrou na carruagem que tinha mandado ir para a volta. Karen levantou o pé para entrar tambem;

nha sido convidada; teve, por momentos, a idéa de ficar fazendo companhia á sua bemfeitora; mas passou-lhe pelo espirito a imagem dos sapatos encarnados. «Ora, disse ella, a pobre senhora já não se cura; para que servem tantos cuidados?» — E, pegando na chave do armario, tirou os sapatos e calçou-os. «D'esta vez, pensou ella, não é peccado ir com estes sapatos tão bonitos, visto ser para um baile.»

E partiu para a cidade. Logo que poz os pés na rua, começou a dançar sem querer, e a dar pulos, para a direita e para a esquerda. Isto não lhe desagradava ao principio, porque sabia que era graciosa dançando, e as pessoas que passavam detinham-se para admirar. Sempre dançando e saltando, chegou á casa onde se dava o baile; mas já estava cansada e não tinha força para se dominar. Teve que seguir os sapatos que a fizeram atravessar umas poucas de ruas, e sair da cidade, levando-a para a floresta sombria. No extremo d'esta, ao luar, Karen viu o velho inválido: «Olá, muito boas noites, disse elle. Que bonitos sapatos de dança!»

Então apoderou-se d'ella um grande terror; comprehendeu que havia um encanto nos sapatos, quiz tiral-os depressa, mas não o pôde conseguir; parecia que estavam aparafusados nos pés, e,

## Os republicanos de Santarem em Lisboa



*Na rua de S. Roque, em frente da casa do dr. Magalhães Lima, cumprimentando o illustre tribuno*

obrigada a um movimento continuo, não podia sentar-se para os tirar com as mãos.

Atravessou, dançando, os bosques, os campos e os prados. O sol começava a apparecer; ella esperava que o poder magico que a impellia sem treguas nem descanso, cessasse com a noite; nem um

momento de repouso, nem um minuto para respirar. Desencadeou-se, de repente, uma tempestade horrivel; Karen continuava a saltar, a girar, no meio do granizo, da chuva e dos relampagos.

Foi declinando o dia, voltou a noite. Karen achou-se á entrada do cemiterio. «Os mortos não podem dançar, disse ella; aqui é o si-

## UMA FESTA DE CRIANÇAS



*As crianças que tomaram banhos na Trafaria formadas no Terreiro do Paço, antes de seguirem para a festa que o Colyseu dos Recreios lhes dedicou*  
(Cliché de A. C. Lima.)

## A Família Real no exílio



*Chegada do Senhor D. Manuel e da Senhora D. Amelia ao palacio de Wood Norton (Inglaterra), onde actualmente estão residindo*

tio do descanso.» E agarrou-se a um tumulto, com a esperança de parar; mas o poder infernal que a fazia mover, arrancou-a d'alli e impelliu-a para deante.

Approximando-se da egreja, viu a porta aberta; quiz refugiar-se no santuario e implorar a misericordia de Deus, a quem tinha offendido. Mas á entrada estava um anjo, cujas azas brancas tocavam no chão. Tinha o rosto severo, e brandia uma espada enorme e reluzente. «Dança, disse elle, dança com os teus sapatos encarnados, que adoraste primeiro que tudo; dança até que os ossos se te unam á pelle, semelhante a pergaminho, e que te tornes um esqueleto ambulante. Dança pelo mundo todo; quando passares por alguma casa onde estejam creanças com propensões para a vaidade, bate na porta, para que te vejam e saibam até onde pôde levar o vicio e o orgulho.

«Piedade, piedade!» exclamou Karen; mas não poudo ouvir a resposta do anjo, porque os sapatos já a tinham arrastado para muito longe.

No dia seguinte Karen passou junto de uma casa bem conhecida para ella: ouvia rezar as orações dos finados, e viu alguns homens vestidos de preto que traziam para a rua um caixão coberto de flores. Era a sua bemfeitora, que ella deixara doente, para ir ao baile, e que tinha morrido. Então Karen sentiu-se abandonada de todos na terra, condemnada no céu.

Os sapatos levaram-n'a para as montanhas, pelo meio dos espinhos e das silvas, que lhe arranharam o bonito rosto. Chegou á charneca, defronte de uma casinha solitaria; era alli que morava o carrasco; ella sabia-o perfeitamente. Bateu nos vidros e gritou: «Depressa, depressa, accudam-me. Não posso entrar, tenho que dançar sem descanso.» — O carrasco veio á porta e disse: «Não sabes, de certo, quem eu sou: sou o que corta as cabeças dos maus. E senti agora o meu cutello estremecer: é porque vou ter trabalho.

— Sim, respondeu Karen. Mas não me cortes a cabeça; d'essa maneira não poderei expiar as minhas culpas. Corta-me os pés e estes sapatos encarnados.

E confessou a sua vaidade excessiva; o carrasco segurou-a, e, de um golpe, cortou-lhe os pés pequeninos, que fugiram, levados pelos sapatos encarnados, dançando e girando, e desapareceram, afinal, na floresta.

A mulher do carrasco tratou as feridas de Karen com um unguento que as curou; o carrasco fez-lhe umas muletas, e ensinou-lhe os psalmos da penitencia. Ella repelia-os sem cessar, e, depois de ter beijado a mão ao carrasco que brandira o cutello abençoado, deixou a charneca dizendo consigo mesma: Agora, já tenho soffrido bastante por causa d'aquelles malditos sapatos encarnados. Vou á egreja, para verem que Deus já me perdoou.

— Mas, ao approximar-se da porta, vê de repente os seus pobres pés dançando defronte d'ella, dentro dos sapatos encarnados; cheia de terror, fugiu, o mais depressa que poudo.

Viveu algum tempo nas estradas como uma mendiga, sustentando-se com o que lhe davam as almas caridosas; minava-a o pesar, e derramava torrentes de lagrimas amargas. Passada uma semana disse: «D'esta vez, já soffri bastantes torturas; a minha penitencia deve estar acabada, e valho agora tanto como as que estão na egreja satisfeitas, rezando.» E tornou a dirigir-se para a egreja; mas a um

canto do cemiterio, appareceram-lhe, pela segunda vez, os sapatos encarnados, pulando e dançando com uma rapidez espantosa. Karen sentiu o coração opprimido, e reconheceu, finalmente, toda a extensão do seu erro; não entrou na egreja, mas foi ao presbyterio onde pediu que a tomassem por creada, offerecendo-se para todos os serviços que pudessem prestar sem se mexer muito, e não querendo nenhuma paga pelo seu trabalho.

A familia do cura compadeceu-se d'ella e deixou-a ficar.

Karen encheu-se de coragem e boa vontade, e trabalhava o mais que podia. Andava sempre pensativa e silenciosa; quando o cura lia a Biblia, á noite, para todos ouvirem, ella escutava com a maior attenção. Posto que não falasse quasi nada, as creanças gostavam



*Emma Jervis Freire de Andrade*

*O retrato que n'esta pagina inserimos é o de Emma de Andrade, uma illustre compatriota nossa, cantora distincta, que actualmente se encontra na Republica Argentina. Como soprano lyrico, tem feito sensação em Buenos Ayres, onde o publico a consagrou, e onde os jornaes lhe tem dedicado artigos deveras elogiosos.*

*Felicitações a artista pelo apreço em que é tida no estrangeiro.*

d'ella; mas quando gabavam a belleza de uma ou o vestido enfeitado d'outra, ella abanava a cabeça, dizendo que essas cousas não eram mais do que frivolidades vãs.

N'um dia de grande festa, foi toda a gente para a igreja; perguntaram a Karen se queria ir; mas era já muito tarde, e, andando devagar, encostada á muleta, não podia chegar a tempo. Com os olhos cheios de lagrimas, viu partir os outros, que iam ouvir a palavra de

tão cheio de alegria e arrebatamento, que se partiu, e a alma, envolta nos raios do sol, voou para Deus; allí já não havia ninguém que lhe fizesse lembrar os sapatos encarnados.

ANDERSEN.



Abdel Aziz

Ex-imperador de Marrocos

Deus: foi, então, para o seu quarto, e sentou-se para ler no seu livro de orações.

No meio da reza, o vento fez-lhe ouvir os sons do órgão; ella ergueu para o céu o rosto banhado em lagrimas, dizendo: «Oh! meu Deus, soccorrei-me!»

E n'isto, envolveu-a uma luz, mais viva do que a do sol; deante d'ella estava um anjo, o mesmo que a vira em frente da igreja. Já não trazia espada; em lugar d'esta empunhava um magnifico ramo coberto de rosas; bateu com elle no tecto, que desapareceu, as paredes afastaram-se e Karen achou-se transportada ao meio da igreja. O órgão resoava, e, quando acabou o cantico, o cura viu-a, e disse-lhe: «Fizeste bem em vir.»— Foi Deus, respondeu ella, que me concedeu o seu perdão.

Ouviu-se novamente o órgão, e as creanças, com voz suave e penetrante, começaram um cantico. Um raio de sol, que entrou pelas vidraças, foi illuminar Karen; o coração da pobre rapariga estava

## A taberna

(De François Coppée)

Afogado no vinho as illusões doridas;  
Cheio de tédio, vil, triste, desesperado,  
Abria a boca alvar, estúpido e cançado,  
Como um boi que ruma as hervas ingeridas.

As moscas a zumbir, teimosas, insofridas,  
Voam na mórna luz que corta o ar pesado  
Com uma faixa de sol. Entorna-se a seu lado  
O copo. Na meza suja ha restos de bebidas.

Que grande peso oprime um cerebro doente  
Que a sua ideia fixa agita sem cessar,  
Grão de chumbo a girar em guizo reluzente!

D'elle me aproximei prevendo o seu pezar,  
E vi que n'esse vinho, a sua mão tremente,  
Um nome de mulher traçava devagar.

J. de Oliveira Simões.

Os prodigos não pensam nunca no dinheiro que teem, e ainda menos no dinheiro que devem.

ANATOLE FRANCE.

## Abdel Aziz em Lisboa



(Cliché de J. Benoit).

A' entrada do Museu Ethnologico, em Belem

Abdel Aziz, Batalha de Freitas e Alfredo Soares, sub-director da Casa Pia



Augusto de Santa Rita

## Um poeta

Mais um poeta novo que vem enfileirar ao lado d'aquelles que já nas letras portuguezas conquistaram um nome. Nos versos de Augusto de Santa Rita ha mais que originalidade, ha imprevisão, ha o que quer que seja que dá a impressão do inédito.

Quem os não leia com alma de poeta e attenção de critico poderá encontrar-lhes uma feição nephelibática, que desagrade aos mais exigentes e meticulosos, aos puros cultores da fórma pura. Mas terá impressão contraria e incondicionalmente favoravel ao moço poeta quem, lendo-os com olhos de ver e coração de artista, encontre nessas rimas a vibração de um sentimento fundo e um vago idealismo que, desde logo revela que *alguem* palpita, vive, aneicia dentro de uma fórma bizarra.

Se dér esta impressão aos leitores do *Brasil-Portugal* a nova musa a que hoje nesta columna abrimos espaço, felicitar-nos-hemos de té-la presentido.

## O canteiro e a Dôr

Do poema em preparação: — A PSYCHOLOGIA DO GRITO

(Inédito)

Passa quasi um dia inteiro,  
Um canteiro  
Empunhando:  
N'uma das mãos um escôpro  
E n'outra mão um martello...  
Martellando,  
Tressuando,  
Trabalhando...

E' vél-o:  
A cada forte sópro  
Do martello no escôpro,  
Por sobre um blóco enorme  
De cantaria,  
— Imperfeito e disforme —  
Transmittindo a harmonia  
Das linhas do modelo  
Quê o Génio — Creação,  
Da Tréva do Imperfeito á Luz da Perfeição,  
Faz transpor  
Com amôr  
E o rigôr  
De pericia, encanto e zêlo,

N'um gesto bello  
Com o escalpêlo  
Da orientação,  
N'um suave apêllo  
De seducção!

E' vél-o  
N'aquella árdua lucta,  
Pela qual Deus ha-de bemdizel-o,  
— Pois que luctar é ter da Vida Humana a nóрма!  
Entre a Ideia subtil, clára, etherea e astuta  
E entre a pesada fórma!

E que prazer é vél-o  
Enchendo d'harmonia,  
Aquella pedra bruta,  
— A rude cantaria  
Enórme —  
Tôska e disforme  
E angular e fria.

.....  
O' victimas do Amôr...

Degredado infeliz que sobre o tombadilho  
D'um sinistro vapôr,  
A soluçar soltais:  
O doloroso adeus, talvez o derradeiro!  
A uma mãe, a uma irmã, a uma esposa, a um filho  
Enlutados no Cães!...

O' pobres corações!...  
O' rôto maltrapilho!...  
O' presos nas prisões! ..

O' cheios de Intelligencia  
— Nascidos sôbre o Entulho —  
Escravos da Opulencia,  
Que abafais a altivez  
E recalcaís o Orgulho!...

Pervertidos que a Lei atira p'rás Galés,  
E que vos dá em vez da Escola de Moral  
Uma grillheta... aos pés!  
Glorificando o Mal...

O' Engeitado inf'liz!...  
— Rebento do Peccado —

O' loira meretriz!...  
— A flôr no lamaçal,  
Christal embaciado,  
Avesita sem ninho... ó pomba sem pombal,  
Desdémoma sem côr! ..—  
O' louco visionario!...  
O' orphãs sem dinheiro  
E cheias de pudôr!

O' gente para quem a vida é um horrôr,  
Um supplicio, um viveiro  
De amargura e de magua; um continuo clamor  
Ou é: — de soffrimento um lindo poema inteiro:

— Apprendei a chorar sobre o cóllo do Amôr —  
— «A Dôr é um canteiro!» —  
— «E nós a cantaria em que martélla a Dôr!» —

A Dôr que em nós procura sem cessar  
O conjuncto ideal...  
As linhas ideais que não de formar:  
— A Estátua da Belleza Espiritual! —

# Theatros

**Nacional** — *A Lei do Divorcio*, peça em 4 actos, de Augusto de Lacerda.  
**Gymnasio** — *Filha e Sogra*, comedia em 3 actos, imitação de Sousa Bastos.  
**Apollo** — *A Luca Branca*, vaudeville em 3 actos de Hannequin e Weber, traducção de Marçal Vaz.

A questão do *divorcio* tem sido uma das grandes fontes de inspiração de muitos escriptores francezes, que a tem apresentado sob todas as fórmulas e aspectos e em todos os generos de theatro, desde o drama e alta comedia ao *vaudeville*, e se no theatro portuguez, em virtude da nossa organização social, até hoje elle não encontrou echo, para o futuro pouco poderá interessar-nos, pois temos-lhe saboreado os prós e contras em innumeradas traducções francezas que tem sido representadas nos nossos palcos, podendo affirmar-se que nada mais de novo ha a fazer sobre o assumpto.

A peça *A Lei do Divorcio*, do sr. Augusto de Lacerda, foge um pouco á rotina das suas congengeres francezas, porque a sua acção decorre ainda n'uma época em que a lei não existia. Hoje que o *divorcio* está na ordem do dia, o titulo é suggestivo, um achado de mão cheia para o cartaz, o que em gíria theatral se chama um *bom tiro*; e o caso é que na primeira representação cumpriu á risca o seu fim, conseguindo encher por completo a sala do **Nacional**, que até parecia desempoeirado, despido d'aquelle seu todo archaico e pesado, mostrando-se antes muito alegre, assim com modos de quem *adheriu*, orgulhoso por ver as correntezas dos seus camarotes engalanadas de *toilettes* vistosas, de variadas côres, desenhando corpos gentis, coroados por lindas e airosas cabeças. Ha muito que o não viamos assim: tão folgazão, tão vivo, tão remoejado.

Tocou-se a *Portuguesa*, apenas tomaram logar no seu camarote os srs. Drs. Alfonso Costa e Bernardino Machado, que representavam o governo, e no meio de um profundo silencio e de uma religiosa attenção começou a desenrolar-se toda aquella fita da *Lei do Divorcio*, em que resalta, como é de prever, uma série de casos de gente que se ama, mas que, presos a outros pelos laços indissolúveis do casamento, apenas separados de pessoas e bens, tem que calar o seu amor sob pena de verem calcada aos pés a sua honestidade.

Ha um que sendo casado, mas loucamente apaixonado por uma mulher solteira, resolve pôr termo á vida mettendo uma bala no peito, da qual escapa milagrosamente. Duas mulheres, tambem casadas, esperam que a morte dos maridos as liberte, para se ligarem áquelles que amam. O tempo, porém, vae passando, a morte salvadora não chega e ellas, impacientes, resolvem atirar com os preconceitos pela janella fóra e dar largas á sua sensualidade. Uma, por fim, enviua, fica livre; e a outra consegue tambem legitimar o seu amor criminoso, mercê de um processo escandaloso, artimanha de um advogado, ex-padre, que lhe dá por nullo o casamento quando ella já está gravida do futuro marido. E' um *truc*, como vêem, bas-

tante escabroso, que devia ter feito passar um mau quarto de hora ao auctor, no decorrer do terceiro acto, em que o seu trabalho esteve prestes a afundar-se, contribuindo bastante para isso o desempenho da actriz Maria Pia que se deleitou em frisar bem — sublinhando-as para o publico — todas as escabrosidades que o auctor lhe distribuiu, e que o iam altamente comprometendo. E' defeito este muito commum nos nossos actores, até certo ponto desculpavel na farça, mas nunca em peças d'esta natureza. E, por ultimo, até a Celeste, — a unica virtuosa da peça até aqui que tem a fatalidade de se apaixonar por um homem casado, — e a unica que bastava para a these da peça, aquella que seria a martyr das convenções sociaes, até essa, invejosa da *felicidade* dos outros, resolve entregar-se ao seu apaixonado.

Mas então para que é precisa a lei do *divorcio*, se esta gente despreza todas as outras e se mostra o menos respeitadora d'ellas possível, resolvendo tudo como melhor lhe convem, saltando por cima da moralidade e da propria honra? O sr. Augusto de Lacerda não pretendeu, decerto, na sua peça mostrar a iniquidade da lei do *divorcio*; visou, com certeza, o contrario. Temos, porém, o desgosto de lhe dizer que os seus calculos falharam e do que vimos apenas se pode deprehender a apologia do amor livre, o qual está em completa contradicção com a lei do *divorcio* que tem um fim de moralidade. E depois daquellas mulheres não são de muita confiança. Nada nos garante que ellas amanhã não se aborreçam d'estes maridos e encontrem logo outros que fariam a sua felicidade; mas não se preocupe o leitor com isso, que ellas resolverão a cousa pela forma que mais lhes agrada.

E sabem afinal quem pede a almejada lei? — Um tio da rapariga; não para que ella legalise a sua situação, mas para evitar o escandalo!...

A peça que é escripta em boa linguagem, abundante de phrases de effeito seguro para o publico, tem algumas situações interessantes, conseguindo o auctor applausos nos finais d'acto. O desempenho excellenté por parte de Adelia Pereira, Augusta Cordeiro, Augusto de Mello, Pato Moniz, Joaquim Costa, Maria Pia e Carlos Santos, conduzindo-se os demais por forma a não desmancharem o conjuncto.

— Em festa da actriz Jesuina Marques subiu no dia 10 á scena no **Gymnasio**, a comedia em tres actos *Filha e Sogra*, uma fabrica de gargalhadas, cheia de situações complicadissimas em que colheram fartos applausos a beneficiada e os actores Telmo, Alegrim, Cesar de Lima e outros.

— A *Luca Branca*, peça que no inverno passado subiu á scena em Paris, dando mais de trezentas representações a seguir, foi adaptada ao palco portuguez pelo applaudido escriptor Marçal Vaz, sendo optimamente desempenhada pela companhia do **Apollo**.

No desempenho merecem referencias especiaes Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Antonio Pinheiro, Lopes, Arthur Rodrigues e o actor Julio Guimarães, que sustentou um excellenté typo, optimo de observação.

Ruy.

## THEATROS. — Rua dos Condes — Conselho de Guerra



(Cliché de A. C. Lima).

Scena final